

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR FRENTE À DISLEXIA: UM ESTUDO EM ESCOLAS DE JOÃO PESSOA

Alessandra Maria Araújo Cunha. Geovaní Soares de Assis.

Universidade Federal da Paraíba
alessandramacb1@gmail.com; geo_yanisa@hotmail.com

Resumo: A instituição escolar é vista como o segundo ambiente em que o sujeito se insere, além de ser um dos seus principais locais de socialização. De fato, a escola não deve ser encarada como um ambiente de mera transmissão de conhecimento técnico e saberes; mas sim, esfera fundamental para a construção da personalidade e formação cidadã. Quando o sujeito ingressa na escola, espera-se que atinja alguns marcos: aprender a ler e escrever é um dos principais; todavia dificuldades, distúrbios e transtornos de aprendizagem podem dificultar na aquisição de tais marcos, ou prejudicar, afetando de modo direto e indireto, a construção da aprendizagem. Um distúrbio muito frequente, porém pouco conhecido pela comunidade acadêmica, é a Dislexia. Em suma, trata-se de uma dificuldade na linguagem; o sujeito que possui dislexia é um sujeito inteligente, sem nenhum agravamento ou comprometimento intelectual, podendo ter habilidades em diversas áreas; sua dificuldade é na linguagem. Muitos educadores, por terem pouco entendimento do que é dislexia, suas causas e sinais, ao se depararem com alunos com tal distúrbio, não sabem lidar, acabando assim, rotulando tais de preguiçosos, desatentos ou com uma pequena e simples dificuldade de leitura e escrita. Tendo em vista tamanhas demandas, alunos do curso de Psicopedagogia, da Universidade Federal da Paraíba, realizaram uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, investigando como as escolas lidam com a dislexia; com um auxílio de um questionário semiestruturado, que tinha por objetivo avaliar com uma escola pública e uma escola privada lidavam com tal temática. A intenção, era fazer tal questionário com os coordenadores escolares, sabendo assim da parte deles, como a escola se via diante da dislexia; saber se eles e os educadores tinham entendimento do que se tratava tal distúrbio; observar se em suas percepções as escolas eram inclusivas; questionar se era feita uma adaptação curricular para alunos com necessidades, como a dislexia, e por fim compreender, qual seria sua visão sobre a psicopedagogia e a dislexia dentro do ambiente escolar.

Palavras-chave: Dislexia, escola, inclusão, adaptação.

INTRODUÇÃO

A instituição escolar deve ser um ambiente acolhedor e socializador, não sendo apenas responsável pela difusão de conhecimento, mas pela transmissão dos valores de uma cultura entre gerações (Martin-Baró,1992). Podemos considerar a escola como um microcosmo do universo: o espaço físico delimitará o mundo, o sistema escolar e sua organização revelam a sociedade, e as pessoas envolvidas na experiência de aprendizado formam a população. (Taylor&Vlastos,1983, s/p).

É esperado que dentro da escola, a criança avance e atinja alguns marcos; como a aquisição de uma boa alfabetização, aprender a ler, a escrever e a fazer operações matemáticas. Visto que vivemos em uma sociedade letrada, tais aquisições são fundamentais. Porém nem todas as crianças

atingem ou apropriam-se desse código de linguagem, isso muitas vezes acontece decorrente de alguma dificuldade ou transtorno de aprendizagem.

Um transtorno frequente, pouco conhecido, e bastante estudado, é a DISLEXIA. Por se tratar de um distúrbio desconhecido de um modo geral, muitas crianças tem dislexia- uma dificuldade na linguagem- e são despercebidas ou rotuladas. De forma direta e indireta, crianças disléxicas acabam sendo excluídas, e muitos educadores se sentem confusos ou perdidos sobre o que é tal transtorno e como incluir tal criança, de modo que ela interaja e tenha plena participação nas atividades escolares. Por falta de conhecimento, muitos professores acabam associando que a dislexia é simplesmente uma desatenção, falta de inteligência, ou uma leve dificuldade na leitura e escrita.

Na instituição escolar, estará presentes diversas dificuldades e transtornos de aprendizagem, dificilmente não se encontrara dentro de sala de aula, visto que influencias e contextos diversos, afetam e contribuem na construção e aquisição da aprendizagem. A dislexia, porém, é um distúrbio que gera grandes dúvidas por parte de profissionais da educação; muitos não entendem plenamente do que é à dislexia e como podem lidar com crianças disléxicas. Visto que a escola é um espaço fundamental para a socialização e ensino-aprendizagem, ela necessita estar apta e equipada com ações pedagógicas e psicopedagógicas, com o intuito de atender todas as crianças em suas singularidades.

É preciso então, uma compreensão significativa do que se trata à dislexia, entendendo como ocorre, como proceder, suas causas, metodologias e qual equipe deve participar do processo e rendimento do disléxico. A dislexia é um transtorno, não é falta de compromisso do aluno; disléxicos são muito inteligentes e muitos tem habilidades extraordinárias, mas sentem dificuldades na linguagem. Cabe portanto à escola não só preocupar-se com o ensino, mas preocupar-se com o desenvolvimento de cada aluno, respeitando suas individualidades.

METODOLOGIA

A dislexia vem chamando atenção no contexto educacional, por ser o distúrbio de, maior proporção dentro da escola. Portanto o que é dislexia?

Trata-se de um distúrbio específico da linguagem, congênito e hereditário, caracteriza-se por ser uma complexidade que abrange vários âmbitos, especificamente define-se como uma dificuldade na leitura, escrita, ou no cálculo, porém, esse transtorno tende a ser associado a problemas de

coordenação motora e a atenção, mas não a inteligência. Estas circunstâncias fazem com que o processo de aprendizagem seja mais difícil durante o período escolar.

A definição apontada por Debray (in Ajuriaguerra, 1990) é muito significativa:

A dislexia é uma dificuldade duradoura na aprendizagem da leitura e a aquisição de seu automatismo, em crianças normalmente inteligentes, normalmente escolarizadas e isentas de distúrbios sensoriais. Estima-se a sua frequência entre 5% a 10% dos escolares. (p. 89)

Diversos estudos neurológicos assinalaram diferenças no giro angular, ou seja, estrutura cerebral situada no lóbulo parietal do hemisfério cerebral esquerdo dos sujeitos disléxicos, mas, também existem teorias médicas que consideram que a dislexia tem a sua origem no hemisfério cerebral direito, que tem a função de processar a informação visual e que funciona em um ritmo inferior ao hemisfério cerebral esquerdo, responsável pelos processos de linguagem.

Dependendo dos tipos de sintomas, pode-se falar de dois tipos de dislexia: a visual ou superficial (caracterizada pela deficiência da vista, problemas específicos de leitura, incapacidade ou dificuldade de aprender palavras inteiras, principalmente às irregulares enquanto formas visuais), e a fonológica (dificuldade em decodificar as palavras que desconhece, pelo que ocorre à aproximação visual). Vale lembrar, que os disléxicos podem ser brilhantes em outras áreas intelectuais ou criativas, porém, na sala de aula, os alunos sofrem por se diferenciarem pelo seu desenvolvimento ser desigual dos demais, podendo ser considerado um mau aluno e ocioso, logo, provocando uma má adaptação ao ambiente escolar, e inclusive uma rejeição, ocasionando isolamento e baixa estima.

Em relação a aprendizagem, vejamos a definição de Condermarin; Blomquist (1989), que ressaltam:

O termo dislexia é aplicável a uma situação pela qual a criança é incapaz de ler com a mesma facilidade com a qual leem seus iguais, apesar de possuir uma inteligência normal, saúde e órgãos sensoriais intactos, liberdade emocional motivação e incentivos normais, bem como instrução adequada. (p. 21).

Existe diversas causas que ocasionam na dislexia, entre elas destaca-se uma má divisão celular, que pode resultar em uma alteração, e ser vista como uma dos possíveis fatores da dislexia. Outro motivo acontece no campo cerebral. Ciasca; Campellini; Tonelotto (2003) assinalam que:

Para ler precisamos de integridade funcional de dois sistemas posteriores principais do hemisfério esquerdo-circuito dorsal, circuito ventral, quando um desses posteriores é interrompido, uma pode ter problema em quaisquer das tarefas que envolvem o ato de ler e escrever. (p. 58).

Esse distúrbio pode ter origem genética, com 60% de chance de hereditariedade; ou seja se há casos de dislexia na família, o indivíduo poderá ter o transtorno. Além disso, ela pode ocorrer devido à complexidade durante o parto, também através do desequilíbrio alimentar resultante de uma alimentação deficiente, que afeta diretamente o sistema nervoso central, em suma comprometendo a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual da criança.

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), a dislexia é o distúrbio de maior incidência nas salas de aula e atinge entre 5% e 17% da população mundial. Os principais sintomas que evidenciam a dislexia são a dificuldade de ler, escrever, codificar e decodificar palavras. A criança disléxica consegue memorizar, porém não tem capacidade de soletração, mesmo sendo uma palavra simples, escrita de forma correta

Alguns possíveis sinais de dislexia:

Alguns sinais na Pré-escola

- Dispersão;
- Fraco desenvolvimento da atenção;
- Atraso do desenvolvimento da fala e da linguagem
- Dificuldade de aprender rimas e canções;
- Fraco desenvolvimento da coordenação motora;
- Dificuldade com quebra-cabeças;
- Falta de interesse por livros impressos.

Alguns sinais na Idade Escolar

- Dificuldade na aquisição e automação da leitura e da escrita;
- Pobre conhecimento de rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras);
- Desatenção e dispersão;
- Dificuldade em copiar de livros e da lousa;
- Dificuldade na coordenação motora fina (letras, desenhos, pinturas etc.) e/ou grossa (ginástica, dança etc.).

- Desorganização geral, constantes atrasos na entrega de trabalho escolares e perda de seus pertences;
- Confusão para nomear entre esquerda e direita;
- Dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas etc.;
- Vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou longas e vagas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O conhecimento da dislexia dentro da instituição escolar é de suma importância; afinal na escola podemos encontrar casos de dislexia. Claro que o distúrbio também é manifestado em outros ambientes, porém, na escola, onde há o foco educacional que envolve principalmente à escrita e leitura, é que os sinais de fato deixam explícito a dificuldade.

Neste contexto, a posição do professor que desconhece o distúrbio é de rotular, já que a criança é vista como preguiçosa, desatenta, bagunceira etc. e acaba por prejudicar a vida escolar e a visão de como o aluno vê a si mesmo. Ianhez e Nico (2002) afirmam que:

Seria muito importante que todos os professores soubessem o que é dislexia. Havendo suspeita de que um aluno esteja apresentando algum distúrbio de aprendizagem, o melhor é não tentar adivinhar ou diagnosticar, mas entrar em contato com a orientação pedagógica da escola para mais informações sobre o aluno (p. 72).

Tendo em vista que o espaço escolar é tão importante, e o conhecimento da parte de docente e núcleo gestores (coordenadores e direção) das escolas é bem escasso, foi-se feito uma pesquisa de campo, de ordem qualitativa, em duas escolas de João Pessoa, uma de natureza pública e a outra de natureza privada, por meio de roteiro semiestruturado, com o intuito de avaliar como a escola lida com a temática da dislexia, observando se existe propostas pedagógicas adaptadas e inclusivas, e avaliando o grau de preparo da parte da gestão, e orientação oferecida pelas escolas aos educadores. Além disso foi-se questionado se coordenadores consideram importante a presença do psicopedagogo dentro da instituição escolar.

Na escola de rede privada, foi-se entregue dois questionários, e os dois foram respondidos amplamente pelas coordenadoras. Já na escola de natureza pública, o questionário foi respondido pelas coordenadoras da sala de crianças especiais; visto que no bairro de Mangabeira-João Pessoa, a escola é considerada e vista como inclusiva, possuindo uma sala de recursos.

Na primeira questão do questionário, foi solicitado uma breve descrição do que se entendia por dislécia. Em ambos os casos, os coordenadores e responsáveis, conseguiram descrever de forma coerente e precisa do que se tratava o distúrbio, mostrando assim, que se possui por parte deles um conhecimento básico de tal.

A coordenadora A, escreveu o seguinte sobre a definição de dislexia:

“Dificuldade no reconhecimento e assimilação entre grafemas e fonemas, que impossibilita o indivíduo a realizar uma codificação e decodificação dos conteúdos”.

Em segunda instância, foi-se questionado se consideram a escola em que trabalham, como uma instituição inclusiva. Em ambas, os coordenadores e responsáveis concordaram que sim, que a instituição referenciada tinha uma perspectiva inclusiva. A coordenadora A escreveu o seguinte em tal pergunta:

“Com certeza. Temos em nossa escola vários alunos que se enquadram no sistema de inclusão”.

A coordenadora D relatou o seguinte: *“Mesmo sendo uma escola pública, a inclusão é colocada em prática”.*

Mas o que de fato seria uma educação inclusiva? Como se pode tornar a temática da dislexia inclusiva dentro do ambiente escolar? Como se dá a dislexia e a aprendizagem inclusiva?

A educação inclusiva terá como objetivo planejar um ensino que compreenda estratégias de como e quando aprender, e avaliar; considerando as particularidades dos alunos, seus conhecimentos, limites, interesses e motivações. Uma escola com esse tipo de educação terá uma visão multifacetada da inteligência, que respeita os estilos cognitivos e a totalidade de cada indivíduo, vendo como necessário um currículo adaptável e flexível.

De acordo com Joseph Gardner, cada indivíduo possui diferentes tipos de inteligência, podendo se manifestar em diferentes níveis. Os alunos com dislexia por terem dificuldades fonológicas, voltadas às questões cognitivas, apresentarão um nível mais baixo na Inteligência Linguística, tendo atraso na leitura e na escrita. A partir dessa informação podem-se elaborar práticas de ensino e avaliação mais adequadas a estes alunos. Para que eles desenvolvam um trabalho acadêmico satisfatório serão necessárias que os professores ponderem o grau de dificuldade da temática ensinada de acordo às necessidades desses alunos.

Quando uma comunidade educativa não é informada a respeito da dislexia, o ambiente de aprendizagem do disléxico tornar-se o lugar onde ele é discriminado e marginalizado, tendo de suportar cobranças de professores, humilhações e notas baixas.

Enquanto que uma escola inclusiva promoverá a acessibilidade dos sujeitos disléxicos a diferentes linguagens, práticas e espaços educativos. Pois a dislexia deixa de ser considerado um impeditivo para a aquisição da aprendizagem, mas é vista como uma característica que pode ser atenuada. O disléxico será visto como uma pessoa portadora de necessidade educacional, que tem o direito a um currículo adaptado.

Para que de fato ocorra a inclusão de alunos disléxicos dentro do contexto escolar, o primeiro passo é entender que a dislexia não é uma doença, sim um transtorno no cérebro que faz com que o processamento de letras e sons seja feito de forma diferente. A escola tem um papel muito importante para o diagnóstico de crianças disléxicas, podendo auxiliar os professores para um processo interativo que são essenciais para minimizar os efeitos negativos da dislexia. Sendo assim, é importante que a escola juntamente com os professores, estejam atentos e identifiquem no ensino infantil os sinais sugestivos de alterações que possam prejudicar a aquisição da leitura e escrita e, nesses casos, se implemente intervenção adequada às alterações encontradas.

A equipe escolar deve conhecer os aspectos característicos da dislexia, o funcionamento leitor do disléxico e esteja pronta e disponível para atender estas necessidades especiais. A escola pode promover “oficinas”, palestras e atividades que mostrem a todos da escola sobre a dificuldade, para que assim os colegas não humilhem ou rejeitem por conta de suas dificuldades

Após o questionamento sobre a perspectiva da inclusão, foi-se levantado se ocorria ou existia um currículo adaptado para alunos com dislexia dentro da instituição, e em caso afirmativo, foi-se pedido que descrevesse como isso era feito.

A coordenadora A, descreve o seguinte: *“O currículo é adaptado mediante parecer clínico e relatório multidisciplinar trazido pelos responsáveis, desta forma adaptamos o currículo para uma melhor aprendizagem dos alunos”*.

A coordenadora B, descreve: *“Mediante laudo médico, parecer clínico e diagnóstico, é feita uma adaptação curricular”*.

Nessa questão, os coordenadores da escola de natureza privada, se expuseram mais, deixando evidente que ocorre uma adaptação curricular quando se é solicitado e comprovado por meio de um diagnóstico preciso.

Surge então uma grande indagação a respeito da importância da adaptação curricular. Mas por que é preciso essa adaptação?

González (2007, p. 29) afirma:

A intervenção educacional, no contexto da educação especial, somente pode atingir os objetivos propostos de formação integral em conhecimentos, destrezas e valores de todos os alunos e oferecer a melhor qualidade de vida possível nos âmbitos pessoal, profissional e social, etc., mediante as adaptações curriculares apropriadas.

Educação Especial faz parte da Educação Brasileira desde a década de sessenta, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 4024/61, em seus artigos 88 e 89. A legislação educacional não é específica a dificuldades de aprendizagem em geral, tampouco a dislexia, referindo-se apenas a inclusão escolar como um direito básico e inalienável da dignidade da pessoa humana, cabe a escola apresentar e promover planos pedagógicos de inclusão e flexibilização curricular, metodologia de ensino e processos avaliativos conforme a demanda do aluno para que não haja um déficit no seu pleno desenvolvimento. A educação inclusiva visa a interação de quem fica às margens do processo de aprendizagem regular.

Hugo Otto Beyer (2006, p. 28)

Precisamos entender que as crianças são diferentes entre si. Elas são únicas em sua forma de pensar e aprender. Todas as crianças, não apenas as que apresentam alguma limitação ou deficiência, são especiais. Por isto, também é errado exigir de diferentes crianças o mesmo desempenho e lidar com elas de maneira uniforme. O ensino deve ser organizado de forma que contemple as crianças em suas distintas capacidades.

A atual LDB/96 avançou consideravelmente, em relação às demais, pois garante um capítulo exclusivo à Educação Especial e esclarece que cabe ao Estado se responsabilizar pelo atendimento especializado, o que deve iniciar na Educação Infantil. É uma lei com caráter democrático, flexível, abrangente e, que preconiza enfaticamente, a inclusão educacional em todos os segmentos do Sistema Educacional Brasileiro.

Informação é essencial para que os professores saibam o que fazer frente a essa dificuldade. Cabe a escola em geral promover um currículo adaptado com a finalidade de otimizar a

aprendizagem do aluno disléxico, encontrando caminhos alternativos para a leitura e escrita, atentando-se ao fato que a dificuldade não está associada a nenhum atraso cognitivo, tampouco a falta de interesse ou preguiça do aprendente. É importante frisar que o disléxico mantém intacta a capacidade de aprender, apenas necessita de mais tempo para acessar informações.

Segundo González (2007) as adaptações curriculares devem partir do projeto curricular da escola, organizadas acolhendo as necessidades dos alunos, com isso não há homogeneização de ensino, pois devem atender as características intrínsecas de cada caso podendo ser adaptações pouco significativas que atendem os diferentes ritmos, formas e estilos de aprendizagem ou adaptações significativas que exigem modificações expressivas de alguns componentes do currículo. O autor defende a proposta de adaptação curricular individualizada para que os alunos aprendam dentro de suas condições orgânicas e pessoais. Considera necessário o sistema educacional oferecer os meios necessários e eficazes a realização da mesma, quais sejam eles: apoio aos professores e apropriação das reais necessidades dos alunos a fim de proporcionar condições que favoreçam uma educação que seja completa e gratificante.

O material de leitura deve causar interesse se tornando mais atrativo e ser compatível ao nível que se encontra o estudante, não sendo igual ao dos colegas de turma, deve-se aceitar que ele pode ser disperso durante a leitura ou que precise reler o mesmo trecho várias vezes para a assimilação e compreensão do mesmo, evitando que o aluno leia em público. Mapas mentais, sínteses, gráficos e figuras e recursos audiovisuais que acompanhem o conteúdo são fortes aliados na hora do estudo, fazendo com que a aprendizagem seja significativa, partindo dos conhecimentos que o mesmo já possui. No processo avaliativo é importante que tenha uma diminuição dos deveres, que os mesmos sejam com instruções simples e diretas e sempre que possível seja feito de forma oral. Para teste escrito, deve-se evitar questões de múltipla escolha. Dinâmicas como “força” e “soletração” são validas para estimular o reconhecimento das letras e palavras.

Beyer (2006, p. 41) diz que:

É preciso realçar que a ação pedagógica especializada nas classes inclusivas é conduzida no contexto institucional da escola, e não individualmente, como se tratasse de uma prática clínico-terapêutica. Tais ações não devem desconsiderar, no entanto, as necessidades específicas de alguns alunos. As ações são desenvolvidas no contexto da sala de aula com todos os alunos, com intervenção mais intensa, porém, com os alunos com necessidades especiais.

Posteriormente, foi-se solicitado no questionário se existia uma capacitação por parte da escola para os educadores em relação às dificuldades e distúrbios de aprendizagem, como à dislexia; e se

os coordenadores consideravam que os professores da escola tinha conhecimento do que era dislexia e se saberiam identificar as principais características desse distúrbio. Em ambas as escolas, tanto a pública, como a privada, escreveram que não ocorre uma capacitação para os educadores e reconheceram que talvez nem todos os professores saberiam o que é a dislexia e as características desse transtorno.

Em ambas às escolas, existe a presença do profissional da psicopedagogia, sendo especialização, mas que de fato não atua como tal. Nas duas instituições, os coordenadores e responsáveis reconhecem e consideram importante a presença do psicopedagogo dentro da instituição, e que tal profissional poderia contribuir diante da temática dislexia. Diante dessa indagação, algumas coordenadoras relatam:

Coordenadora A, relata: *“O psicopedagogo trabalha realizando adaptações curriculares pertinentes, trabalhando com o aluno de forma que facilite sua aprendizagem”*.

A coordenadora C, relata: *“O psicopedagogo trabalha de forma mais direta e dinâmica com os alunos que apresentam algum déficit”*.

Coordenadora D, relata: *“O psicopedagogo pode contribuir com os professores, auxiliando- os na adaptação curricular e no planejamento de aula”*.

CONCLUSÃO

Diante dessa pesquisa, fica evidente o quanto o conhecimento sobre à dislexia é escasso, tal transtorno tem se tornado cada vez mais presente dentro do contexto escolar, possuindo diversas origens, ou seja, é um distúrbio inevitável. Diante disso, deve-se pensar em uma perspectiva de inclusão. A psicopedagogia buscar potencializar a aprendizagem do sujeito; por isso que tal profissional é extremamente importante dentro da escola. O psicopedagogo contribuirá fornecendo orientação à docentes e núcleo gestor, auxiliando na construção de planos pedagógicos inclusivos e adaptativos, além de contribuir de forma individual na aprendizagem da criança disléxica. Juntamente com uma equipe multiprofissional, buscara intervir de forma positiva na vida do sujeito disléxico, estimulando sua aprendizagem e aprimorando suas habilidades.

REFERÊNCIAS:

BAYER, Hugo O. **Inclusão e Avaliação na Escola de alunos com necessidades educacionais especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Congresso Nacional**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

GONZÁLEZ, Eugenio. **Necessidades educacionais específicas – Intervenção psicoeducacional**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MANTOAN, Maria T. E. Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão. In: STOBÄUS, Claus D.; MOSQUERA, Juan J. M. **Educação Especial: em direção à escola inclusiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Como interagir com os disléxico em sala de aula < <http://www.dislexia.org.br/como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula/>> Acesso em: 22 de set. 2017

Como lidar com a dislexia na escola < <https://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/121808739/como-lidar-com-a-dislexia-na-escola>> Acesso em: 22 de set. 2017.

Conceito de dislexia. Disponível em: <<https://conceito.de/dislexia>>. Acesso em: 21 set. 2017.

Dislexia: Conceito, o que é, significado. Disponível em: <<https://conceitos.com/dislexia/>>. Acesso em: 21 set. 2017. O que é dislexia? Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>>. Acesso em: 21 set. 2017.

Significado de Dislexia. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/dislexia/>>. Acesso em: 21 set. 2017.

SANTOS, G. H. **INCLUSÃO E PRÁTICAS DE ENSINO PARA ALUNOS COM DISLEXIA**. II Congresso Internacional de Educação Inclusiva. Campina Grande – PB. 2016.

O que é dislexia? Disponível em :< <http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>> Acesso em: 22de set.2017

Mais da metade dos disléxicos não sabe que sofrem com o problema. Disponível em:< <http://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/noticias/2016/04/13/mais-da-metade-dos-dislexicos-nao-sabe-que-sofre-com-o-problema/>> Acesso em:22 de set.2017.

Dislexia. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32256>> Acesso em :22 de set.2017.